

567 2

# AO TERREMOTO.

Do Primeiro de Novembro de 1755.

## PARENESIS

DE

## FRANCISCO DE PINA E DE MELLO.

*Movebitur terra de loco suo, propter indignationem Domini exercituum, & propter diem iræ furoris ejus.*

*Isai. Cap. 13. v. 13.*

**N** Aõ és, ó Terra, o sólido elemento,  
Que serve de immutavel fundamento  
A' portentosa maquina do Mundo?  
Immovel, e constante no mais fundo

Dos immensos espaços, não descança

Com eterna, uniforme segurança

O teu pezo, sem fusto, ou variedade,

Nessa tua inflexivel gravidade?

Por fiadora não tens da consistencia

A Palavra immortal? Toda a inclemencia

Do Fogo, Vento, e Mar, n'alguma parte

He capaz de moverte, ou de abalarte?

Não disse Deos que a misera vangloria

Das geraçoens seria transitoria,

E que tu, por seu braço omnipotente,\*

Sempre estarias firme, e permanente?

a

Naõ

\* Generatio præterit, & generatio advenit: terra autem in æternum stat.  
Ecclesiastes cap. 1. v. 4.



Naõ delirou Copérnico affirmando  
Contra a Sagrada Pagina, que errando  
Andavas pela etherea redondeza,  
Sem attender à Lei da Natureza,  
Fingindo lá na sua fantesia  
Que o Sol estava, e a Terra se movia?  
Pois como agora em horrido quebranto  
Intentas persuadir ao nosso espanto  
Que a promessa divina não se observa,  
E que este fingimento se conserva  
No delirio dos homens, nesse instante  
Em que te vejo incerta, ou vacilante?

Essa firme apertada contextura  
Com que se une o vigor da maça dura:  
Essa tosca prizaõ com que te empenhas  
A travar as montanhas com as penhas:  
Esse concurso de porçoens enormes,  
Que quanto mais confusas, mais confórmes,  
Mais fixas, persistentes, e tenazes,  
He crível que entre as ligas efficazes  
De hum corpo inalteravel, se revoivaõ?  
He crível que estes laços se diffolvaõ,  
Com grito horrendo, com tremor reverso,  
Para assombro, e desordem do Universo?  
Tremes em fim, ò Terra! Que nos dizes  
Neste horrivel symptoma? O que infelizes  
Auspicios nos propoens! Onde a jactancia  
Dos mortaes busca o fundo da constancia,

Se



Se hum Orbe de taõ valida firmeza  
Naõ se izenta da humana ligeireza?

Muitas coizas dirás , ò Terra ruda!  
Se alguẽm chega a entender que estejas muda  
Quando te vê pulsar , perde o sentido  
No espanto do teu subito gemido,  
Ou naõ sabe talvez que nos portentos  
Falla Deos pela vòz dos Elementos.

Falla Deos nos incendios das Cidades,  
Nas irrupçoens do Mar , nas tempestades ,  
Na peste , na inclemencia dos Tyrannos ;  
A morte , a fôme , a guerra entre os humanos  
Saõ clamores celestes ; mas o grito ,  
Que mais deve aturdir o teu delito ,  
O' misero mortal , que mais de perto  
Te aviza no teu furdo desconcerto ,  
Que do castigo está menos remoto ,  
Qual presumes que seja? O terremoto.

Geme a terra em medonhos parocifmos ,  
Revoltaõ-se as entranhas dos abyfmos ,  
Chocaõ os muros , batem-se os penedos ,  
Precipitaõ-se os barbaros rochedos  
Das toscas eminencias , a fachada  
Dos palacios , e torres sepultada  
Fica com huma furia repentina ,  
Nas funestas porçoens da mesma ruina.

Nem no Libano o cedro mais robusto,



Terá menos tremor, que o pobre arbusto;  
A elevada tribuna, o humilde aprisco  
Padece o mesmo affombro, o mesmo risco;  
O valente carvalho, a debil cana,  
O inchado hospicio, a rustica cabana,  
Na horrenda indignação, que o impulso arroja,  
Se abate, se confunde, se despoja;  
E os homens no pavor, que o estrondo apura,  
Primeiro tem, que a morte, a sepultura.

Acorda, ó homem, do profundo sono,  
Sejas homem que estás no excelso throno,  
Ou da Igreja, ou do seculo; repara  
Que à Coroa tambem, e inda à Tiara  
A voz horrivel da afflicção desperta:  
A voragem no monte, ou campo aberta  
Comtigo falla nesse alento estranho,  
O' Pastor, que governas o rebanho,  
Que Christo te deixou: Falla comtigo  
O' Grande, ó General: Este perigo,  
Este espanto, este rasgo dissonante,  
Vê lá, ó Sacerdote, ó Mendicante,  
O' Claustral, ó Ministro, ó Tu que aspiras  
A'quelle mesmo enleio, em que deliras,  
Se accaso entaõ terrivel, rudo accento,  
Fás eco no teu louco pensamento?  
O' Rei, que nesse Solio, em que descansas,  
Naõ limitas as tuas esperanças,  
Mas antes tropas, e esquadroens alistas

Para



Para alcançar a glória das conquistas:  
Que intentas nessas bélicas empresas  
De tantas dominadas Fortalezas?  
Hum violento tremor todo o desinio  
Desconcerta do hydropico dominio,  
Deixando entre essas Victimas do fado  
Escarnecido o ardor do teu cuidado.

Bispo, que julgas que o Bispado estende  
Mais a tua vangloria; onde pertende  
A vaidade, que a insignia se não dobra  
Julgando a mitra resplendor, sem obra: \*  
Que levas á pureza dos altares  
As paixoens, e interesses seculares;  
Que outro tremor da Terra nos procuras  
No raio formidavel das censuras,  
Sem ver o que te diz, para movello,  
Huma sagrada voz neste flagello; †  
Descende agora da empinada esphera,  
Em que a tua inflaçã se considera;  
Olha que este fracazo desengana  
Toda a soberba da miseria humana.

Grande, que te imaginas taõ distante  
Da tua especie, sendo semelhante  
A todos os mortaes: aqui procuro

a 3

Se

\* Si quis Episcopatum desiderat, bonum opus desiderat. 1. ad Timoth. c. 3. v. 1.  
† Quavis gladius excommunicationis nervus sit Ecclesiasticæ disciplinæ,  
& valde salutaris ad continendos populos in officio; tamen sobriè, magna que  
circumspectione exercendus est: cum si incutiatur temerè, aut levibus ex re-  
bus, experientia doceat, magis contemni, quam formidari, & potius pare-  
re perniciem, quam salutem. Concil. Trid. de Reform. sess. 24. à Monial. c. 3.



Se iguala o fangue claro ao fangue escuro?  
Se he mais alto, que o circo, o capitolio?  
Que achoça, a torre? o baculo, que o folio?

General, Sacerdote, Leigo, Frade,  
Cingidos da fatal calamidade;  
Ministro, Pobre, Rico, Cavalheiro,  
Commerciante, Soldado, Jornaleiro,  
Miseravel, Felíz, Aborrecido,  
Com todos falla o tremulo gemido,  
A todos vos iguala, a todos peza  
Neste acerbo clamor da Natureza.

Poem-se os penhascos na expressãõ flexiveis,  
E os mortaes ficaõ penhas insensiveis:  
Treme hum globo constante, e não se abala  
O homem fragil, quando o Mundo estala  
Com medonho fragor nesses resquicios  
De tantos destroçados Edificios:  
Huma terra innocente desfalece,  
Outra terra culpavel se endurece.

O' Papa, ó Rei, ó Bispo, ó Potentado,  
O' mortal, desde o sceptro até o cajado,  
O' Sophista, ó Atheo, ó Libertino,  
Se acaso no teu cego desatino  
Presumes animado o monstro enorme  
Destte corpo terraqueo, onde se fórme  
Na impressãõ de particulas aerias  
O fervor vacilante das arterias,

Será



Será preciso na cegueira tua;  
Antes que te convença, que eu te instrua.

Se entendes, como Thales, que boiante  
Anda no Mar a Terra, e a cada instante  
Póde seguir o impulso da tormenta:  
Se Democrito aqui te representa  
Que he hum insulto, com que o fogo aspira  
A sacudir com furia, arrojo, e ira  
A chuva, que o seu centro em golfo muda:  
Se julgas despenhada a maça ruda  
Dentro de si, com impetos perenes,  
Como quiz persuadir Anaximénes:  
Se em fim, como discorre o Peripato,  
Queres que seja hum horrído conato  
Da força subterranea, que se choca  
Com hum vapor furioso, que a suffoca;  
E em taõ tremendo indomito tumulto  
Naõ concebes motivo mais occulto  
Que arrojos materiaes: O quanto dano  
Temo nesse infelice, e cego engano!  
Sabe, O mortal, que a colera divina  
Nunca mais irritada se fulmina,  
Que quando expoem a formidavel guerra  
De combater a terra com a terra.

Por naõ seguir de Deos o alto preceito  
Sofreu Ozias taõ medonho effeito: \*  
Da mesma sorte vio o Ceo contrario

\* Amos. cap. 1. Zacha 1. cap. 1. Jos. lib. 9. cap. 11.



Honorio pela infame Seita de Ario : \*

O barbaro destroço das Imagens \*\*

Vingou a Terra em horridas Voragens :

Helice , Bura , Tyro , Nicomedia ; †

Parte da Achaia , da Phenicia , e Media ,

Lyfimachia , Byzancio , Alexandria ,

Clazómena , Sicyone , Caria ,

E outras muitas Provincias , e Cidades ,

Nestas mesmas fataes calamidades

Servirão de exemplar ao Mundo todo

De como Deos castiga , e de que modo

Se vibra , ou no Levante , ou no Occidente ,

A vingança de hum braço Omnipotente.

Nem presumas , ó tu , que hum Reino habitas

Erigido por Deos , que não incitas

A excelsa indignação nos teus absurdos :

Naõ discorras que os astros estão surdos

Ao clamor dos delitos : Se atégora

Naõ se acendeu achama vingadora ,

Foi que a tardança de vingar a offensa

No rigor do castigo se compensa. ††

Volta os olhos àquelle illustre estado ,

Em que se descobrio no Principado

Do mais felice Rei , o promontorio ,

Que nunca à antiguidade foi notorio ,

Para levar do Hydaspe ao novo espelho

As:

\* Eutrop. lib. 11. \*\* Paul. Diac. lib. 22. rerum Roman. † Plin. lib. 2. cap. 22. Paus. in corinth. Sab. lib. 8. Enead. 4. Agath. lib. 5. Strab. lib. 1. Diod. lib. 15. Paus. in Achaicis. †† Tarditatem supplicii , gravitate compensat.

\*  
10  
13



As mais brilhantes luzes do Evangelho:  
No tempo, em que talvez nos parecia  
Que tão propicio o Ceo nos attendia,  
Sobre o Reino cahio o mesmo estrago:  
Ulyssippo, e Scalabio outra Cartago  
Se debuxou ao Mundo: O caminhante  
Immovel, affombrado, ou ignorante,  
Quando nellas por ambas perguntava,  
Nem já Lisboa, ou Santarem achava.

A altura dos Colossos mais padece:  
Contra os cúmes se irrita, e se enfurece  
A commoção suprema: Esta acrimonia  
De impulso eterno, O nova Babilonia,  
Prophetizada está, desde o momento  
Que a Corte de Nembrod mudou de assento,  
E que todo o seu luxo desgraçado  
Se passou para o nosso Principado \*

Mas se inda consideras que a maldade,  
Ou do Reino, ou da Corte, ou da Cidade,  
Quando os extremos da malicia toca  
A indignação divina não provoca:  
Se inda infistes talvez, em que este auspicio  
Tão tremendo, e cruel, não traz o indicio  
Das Soberanas iras: se inda o fundas  
Nas causas naturaes, ou nas segundas  
Produçoens de huma serie successiva,

Que

\* Et commovebitur terra, & conturbabitur, quia evigilabit contra Baby-  
lonem cogitatio Domini, ut ponat terram Babylonis desertam, & inhabitabi-  
lem. Jerem. Cap. 51. v. 29.



Que só da contingencia se deriva,  
Outro signal não queiras mais amargo  
De que estando, sem luz no teu lethargo,  
Tu serás nos teus miseros progressos  
Anuncio de mais horridos successos.

Se entende Portugal que a força estranha,  
Comque a pedra se lança da montanha,  
Para ferir a estatua, a determina  
Hum impulso, que o acaso lhe destina;  
Este infausto conceito he huma nota  
De que a estatua arrogante se derrota;  
De que esse bronze, e prata, esse ouro, e ferro,  
Entre as reliquias de hum escuro enterro,  
Ficará, sem memoria do que ha sido,  
Em pó desfeito, em cinza consumido. \*

Se julga que o catastrophe medonho  
He sómente expressão de hum vago sonho,  
Em que rompe outra ideia de Nabuco;  
Veja nesse espectáculo caduco,  
Nesse de pedras tumulo funesto  
Todo o empenho do anuncio manifesto,  
Gritando o assombro, o horror, o medo, o espanto  
No som dos Ecos, na afflicção do pranto.

Que esperas nessa misera atalaia,  
Que te offreça o deserto desta praia?  
Vens à Corte buscar do nosso Imperio?  
Não achas mais, que hum triste cemiterio

De



De homens, brutos, palacios, templos, torres:  
De huma para outra parte em vaõ discorres:  
Naõ verás mais que informes monumentos:  
Salas, balcoens, escadas, fundamentos  
Tudo confuso está, tudo indistinto  
Em funebre, horroroso labyrintho.

Do pouco, que o furor do globo irado  
Deixou nos edificios indultado,  
Se apoderou o incendio: a voraz chama  
Se diffunde, se estende, se derrama  
Em verfateis torrentes, desfazendo  
Com crepitante arrojo, insulto horrendo  
Quanto da Jonia as pompas regulares  
Tinha levado ao vento, e entregue aos ares.

Aqui foi Troia: aqui já naõ existe  
Mais que hum mudo calor da cinza triste:  
A tormenta cessou dos alaridos,  
Emmudeceu o estrondo dos gemidos:  
Tudo no horrivel tumulto se encerra,  
Tudo o despenho opprime sobre a terra;  
E até parece que no horror do fado  
Jáz o mesmo silencio sepultado.

Desse emporio do Mundo, onde o Tridente  
Arvorava Neptuno, e todo o Oriente,  
A America, e as Provincias mais remotas  
Davaõ thezouros em continuas frotas,  
Naõ ha mais, que huma misera lembrança:

Ou



Ou da forte, ou dos tempos a mudança,  
Ou por melhor dizer, o ensaio antigo,  
Que o raio lhe forjava no castigo,  
Fazendo das maldades hum refumo,  
Tudo em sombra desfez, mudou em fumo.

O' Soberano Author da Natureza,  
Que toda a immensuravel redondeza  
Diriges nesse throno magestoso,  
He possivel que sendo taõ piedoso  
Vejas com rosto enxuto dessa altura  
Taõ grande, taõ acerba desventura?

Naõ he esta a Cidade, em que se erguia  
A Cabeça daquella Monarquia,  
Que para ti fundaste? \* Naõ he este  
O porto, donde o estimulo celeste  
Nas vellas respirava; e a clymas varios  
Conduzia os invictos Missionarios  
Da tua Santa Lei? Os Portugaezes  
Naõ saõ estes tambem, que tantas vezes  
Por mares nunca d'antes navegados,  
Rompendo as ondas, dominando os fados,  
Fizeraõ entre os barbaros alfanges  
Christaõ o Hydaspe, religioso o Ganges?

Pois, Senhor, já taõ grandes maravilhas,  
Que obraraõ com teu braço as nossas quilhas,  
Já taõ sacros empenhos, em que a Igreja

Com

\* Volo inte, & in semine tuo, Imperium mihi stabilire.



Com nosco ao Mundo deu geral enveja:  
Já tanto resplendor, tanta façanha,  
Tanto prodigio, tanta acção estranha,  
Onde o auxilio immortal sempre se adverte;  
Em desprezo, em descuido se converte?

Lisboa, inda que em bailes divertida,  
Em lascivias, e em luxos submergida,  
Seria mais, que Ninive, injuriosa  
A' justiça divina? Taõ viciosa  
Naõ foi esta, que o seu fatal delirio  
Chegava desde a Assyria até o Empyreo? \*  
E inda assim na vingança, que decreta  
A tua indignação, com hum Propheta \*\*  
A mandou avizar por tempo largo  
Para haver de surgir do seu lethargo;  
E póde conseguir verte propicio  
No sacco, no jejum, e no cilicio. †

Porém como me atrevo, O' Luz eterna,  
A subir, e a sondar a altura interna  
De taõ funda, immortal sabedoria?  
Eu rendo a minha louca fantasia:  
Na tua inexcrutavel vigilancia  
Sepulto tanta barbara ignorancia:

Eu

\* Ascendit malitia ejus coram me. Jon. cap. i. v. i.

\*\* Surge, & vade in Ninivem civitatem grandem, & prædica in ea. Ib. v. 2,

† Et crediderunt viri Ninivite in Deum, & prædicaverunt jejunium, & vestiti sunt sacco, à maiore usque ad minorem. cap. 3. v. 5.

Et vidit Deus opera eorum, quia conversi sunt de via sua mala, & misertus est Deus super malitiam, quam locutus fuerat, ut faceret eis, & non fecit. Ibid. v. 10.



Eu soluço, eu suspiro, eu gemo, eu choro;  
Cerro o discurso, e a Providencia adoro.

Sei com tudo, Senhor, que quando a ira  
Da mais alta vingança se conspira  
Contra o genero humano; e que rompeste  
Com mão vehemente, com furor celeste  
Do Ceo as cataratas, de outra sorte  
Te achaste entãõ na miseravel morte,  
Que aos homens tinhas dado: Quando viste  
Boiante sobre a agoa achusina triste  
De tantos desgraçados esqueletos,  
A funesta impressãõ destes objectos  
Te fez arrepender da infauστα ruina: \*  
E desde entãõ a lastima divina  
Prometeu que hum estrago taõ adverso  
Nunca mais haveria no Universo. \*\*

Se és, ó Deos, taõ piedoso, e compassivo,  
Que sem fazeres caso do motivo,  
Te arrependes do damno: O' quanto espero  
Que esse excelso rigor, por mais sevéro  
Que a offensa do delicto o tenha posto,  
Fique com esta victima composto;  
E fereçada a luz da face ardente,  
Se mude hum Deos irado, em Deos clemente.

Baste, Senhor, a horrenda adversidade  
Desta mais que infelîz calamidade,

Para

\* Tactus dolore cordis intrinsecus. Genes. cap. 6. v. 6.

\*\* Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines. Ib. cap. 8. v. 21.



Para apagar a colera , que excita  
A tua indignação : Essa infinita,  
Ineffavel Bondade , já não sofre  
Que mais setas fulmine o horrivel cófre  
Da aljava superior : suspende o enfaio  
Desse tremendo , despedido raio ;  
Pois entranhas não tens , em que se acenda  
Do teu furor a rápida contenda.

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

Naõ te tomes , Senhor , com a ternura  
Desse teu coração , que desfigura  
Logo o odio em amor : olha primeiro  
Se de ira tanta o tremulo luzeiro  
Vibrarás com aquella segurança ,  
Que he capaz de huma tragica vingança :  
De que serve , que a offensa te desperte ,  
Se hás de fazer o estrago , e arrependerte ?

Se expiado não está inda o delicto ,  
Poem os olhos , Senhor , n'hum Rei afflicto ,  
N'hum Rei , que ajunta taõ ancioso effeito  
Na lastimada esphera de seu peito ;  
E onde bate com misera agoniã ,  
A desgraça fatal da Monarquia :  
Sendo preciso espirito taõ alto  
Para caber o estrondo , e o sobressalto.



Mas quem sabe , ó Monarca vigilante ,  
Se Deos tem suavizado o seu semblante ?  
Se o excelso desagravo inda se alenta.

No



No impulso formidavel da tormenta?  
Se está inda irritado hum Deos amigo  
No desprezo insolente do castigo?

Se este só póde no divino Zello  
Continuar toda a instancia do flagello,  
Faze que o Reino chegue a obedecerte,  
Sem o lethargo desse sono inerte,  
Em que está submergido: em todo o Estado  
Se ouça do teu poder o regio brado:  
Sogei-te do vicio a ideia infana,  
Naõ só à Lei divina, à Lei humana.  
Combataõ-se as violencias da cubiça  
Sustente-se nos povos a justiça:  
Da soberba se opprima a força enorme,  
Com o castigo o premio se confórme,  
Acuda-se à pobreza, e ao desemparo,  
No seu alento, e resplendor preclaro  
A devoção, e o rito se confirme,  
Esteja a Fé constante, o culto firme,  
Naõ siga sempre o gosto a moda estranha,  
Primeiro a paz se estime, que a campanha:  
Sem vigor desta sorte o raio ardente  
Cahirá da mão a hum Deos Omnipotente;  
E o Reino, que erigio a Sacra Esphera,  
Póde tornar a ser quem dantes era.

---

C O I M B R A :

Na Officina de Antonio Simoens Ferreira Impres da Univers.  
Anno de 1755, Com as liccnças necessarias.